João Baptista Vilares

Tributo de Donzelas

(Novela Histórica)

Câmara Municipal de Alfândega da Fé
2.ª Edição – 2001

Municipal
teca
lfândega da Fé
.3-32

Tributo de Donzelas

(Novela Histórica)

João Baptista Vilares

Tributo de Donzelas

(Novela Histórica)

BIBLIOTECA MUNICIPAL ALFANDEGA DA FÉ

BIBLIOTECA MUNICIPAL Nº ALFANDEGA DA FÉ

CDU 821.134.3-32

Tributo de Donzelas - Novela Histórica

Autor: João Baptista Vilares
Edição: Câmara Municipal de Alfândega da Fé
Capa e orientação gráfica: Mestre José Rodrigues / Serviço Cultural da Câmara Municipal
Revisão: Serviço Cultural da Câmara Municipal
Composição: A Voz do Nordeste - Artes Gráficas
Impressão e acabamento: Artegráfica Brigantina
Tiragem: 1000 exemplares

NOTA BIOGRÁFICA DO AUTOR

João Baptista Vilares nasceu em Sambade, concelho de Alfândega da Fé, a 17 de Novembro de 1888 e morreu no dia 29 de Setembro de 1955.

Professor do Ensino Primário, iniciou funções em 1911, em Gebelim, onde permaneceu até 1921. Neste ano e até 1924 leccionou em Póvoa de Varzim, de onde passou para a sua terra natal, Sambade.

A acção do Professor Vilares, como ainda hoje é conhecido no concelho de Alfândega da Fé, não se limitou às actividades escolares, muito embora nesse campo, quer como profissional, quer como pensador e pedagogo, tenha deixado alguns testemunhos que ainda hoje nos espantam pela actualidade.

Desde os tempos de estudante na Escola de Habilitação para o Magistério Primário de Bragança que as suas características de dinamizador do associativismo e da cultura se manifestaram, tendo sido sócio fundador da Associação de Estudantes daquela escola.

A sua passagem por Gebelim levou à fundação de um clube de instrução e recreio que possuía uma orquestra e realizava regularmente conferências sobre agricultura, higiene rural, etc., bem como festas de confraternização entre as populações vizinhas. Esta localidade deve-lhe ainda o esforço para a realização de vários melhoramentos, com destaque para a construção do edifício da

escola primária.

Na Póvoa de Varzim desenvolveu igualmente várias actividades que extravasam a sala de aulas, o que certamente terá contribuído para ser o representante dos professores primários do concelho nos congressos pedagógicos de Coimbra, Leiria e Braga, bem como presidente do Núcleo escolar neste concelho.

Em Sambade, para além da actividade escolar e dos cargos com ela relacionados, foi dirigente do Núcleo Escolar do concelho e representante dos professores primários do distrito junto da União dos Professores Primários de Portugal, desdobrou-se em inúmeros trabalhos, tendo sido Presidente da Junta de Freguesia, propulsor e orientador da Casa do Povo, responsável pela administração da Banda Filarmónica, organizador de récitas teatrais infantis e mentor de várias subscrições públicas para benefícios na aldeia, nomeadamente a construção do edifício da Casa do Povo e a reparação da Igreja matriz.

Em termos jornalísticos fundou, em 1912, com Tito Sendas, o semanário Escola Transmontana, impresso em Bragança e que durou apenas alguns meses, para além de ter colaborado nas publicações Comércio da Póvoa de Varzim, Progresso (Póvoa de Varzim), Instrução (Mogadouro), Federação Escolar, Professor Primário, Escola Moderna e Trás-os-Montes.

Num estudo recente sobre o pensamento pedagógico de João Vilares, (1) diz-se : "*O eixo básico do seu pensamento repousa numa concepção de professor edu-*

(1) BAPTISTA, Maria Isabel Alves - Brigantia. Bragança: Assembleia Distrital de Bragança, 1997, 17 (1/2), p. 27-58.

cador, dentro e fora da escola. As duas facetas, existentes no professor que realmente ele foi, não nos deixam muitas vezes separar a sua actividade enquanto professor e enquanto animador comunitário, um condutor, um guia na comunidade extra-escolar".

Esta frase traduz com exemplar exactidão a ideia que existe do Professor João Vilares no concelho de Alfândega da Fé e em particular na sua terra natal. Da reflexão e do estudo decorrentes desta relação íntima entre o exercício de uma profissão toda ela social e o social propriamente dito, resultaram várias publicações dedicadas às questões pedagógicas e à história local/regional:

– ***Para a História da Traulitânia – Um voluntário da República na defesa de Mirandela***. Póvoa de Varzim.1924.

– ***Monografia do Concelho de Alfândega da Fé***. Porto: Companhia Portuguesa Editora, Lda, (edição da Câmara Municipal),1926.

– ***No Limiar dos Centenários de 1940***. Porto:Editora Educação Nacional Lda., 1940.

– ***Na Escola e na Vida***. Porto:Livraria Progredior, 1943.

– ***Nova Luz***. Porto: Livraria Civilização, 1947.

– ***Amor à Terra***. Porto: Tipografia Mendonça, Lda., 1948.

– ***Serões na Casa do Povo***. 1950.

NOTA DE EDIÇÃO

A história da publicação de "TRIBUTO DE DONZELAS – Novela Histórica" é fácil de contar, mas deixa em aberto uma pergunta muito simples: como foi possível ter este texto passado despercebido até agora, mesmo daqueles que têm estudado a obra de João Baptista Vilares?!

Com efeito, decorreram apenas cerca de dois meses entre a "descoberta" do texto na revista STELLA, feita pelo Dr. António Pinto, director da Biblioteca Municipal, os contactos efectuados com aquela revista para solicitar autorização da publicação e a saída a público deste quase inédito do conhecido professor de Sambade, autor de várias obras pedagógicas e de história local/regional, de que se destaca a "Monografia do Concelho de Alfândega da Fé", também editada pela Câmara Municipal, em 1926.

A revista STELLA,(1) que se edita em Fátima, publicou este texto em vários números de 1978 e 1979, mas, para já, não conseguimos esclarecer como é que o mesmo lá foi parar, até porque o autor faleceu em 1955.

Por outro lado, sendo o tema desta novela histórica a "*Lenda dos Cavaleiros das Esporas Doiradas*", que de geração em geração tem servido para explicar o nome da nossa Vila, um misto de árabe (Alfandagh e não "Fanday" como vai no texto) e de cristão (Fé), só o desejo expresso do seu autor pode explicar que a mesma

(1) VILARES, João Baptista - Tributo de Donzelas: Novela Histórica. STELLA. Fátima. 1978/1979 (456 a 461).

não tenha passado a livro há muitos anos.

O certo é que com esta publicação o concelho acaba por preencher da melhor forma uma lacuna que se vinha sentindo sempre que alguém solicitava informação sobre a "Lenda dos Cavaleiros das Esporas Doiradas".

Foi ainda com o sentido de ajudar os interessados em seguir o que poderemos designar por itinerário do enredo que se decidiu incluir algumas fotografias actuais dos mais importantes locais mencionados nesta novela histórica: Alfândega da Fé, Castro Vicente, Chacim e Nossa Senhora de Balsamão. Sugerimos aos leitores esta interessante viagem pelas localidades onde a memória do povo conserva ainda os traços fundamentais da lenda.

Dos espaços físicos mencionados, casas de Rodrigo de Melo (Castro Vicente) e de Pedro Malafaia (Alfândega da Fé), Castelo do Monte Carrascal e Igreja do Santo Cristo da Fraga (Castro Vicente), só conseguimos identificar este último que, de qualquer forma, não deveria existir no tempo em que decorreram os factos da novela histórica. O castelo árabe do Monte Carrascal pode ter sido realidade, uma vez que no local ainda se verificam vestígios de muralhas antigas, mas o que agora se encontrara é o Santuário de Nossa Senhora de Balsamão. A casa da família Malafaia, em Alfândega da Fé, existiu efectivamente mas, tanto quanto pudemos apurar, junto da actual praça do Município e não na zona do castelo.

Uma última nota de agradecimento aos responsáveis pela revista STELLA, que acolheram e facilitaram a publicação desta obra.

Decorria o século XII da era cristã. A luta com os mouros ia feroz por toda a Península Ibérica, desde os contrafortes dos Pirenéus, às praias ocidentais do Atlântico.

Havia quatrocentos anos que o sangue sarraceno e cristão se vertia em abundância no solo das Espanhas.

Desde que Tárik passara com as suas ordas o famoso Estreito, jamais a paz entrara na Terra Ocidental.

Gerações sucessivas passavam, e a luta cruenta não tinha tréguas; o estandarte do Islam a querer dominar a Cruz! Debalde, porém. Os descendentes de Pelaio continuavam a honrar o Chefe que fizera das ásperas serranias das Astúrias, o baluarte inexpugnável de encontro ao qual a moirama se esbarrara e fora impotente para a conquistar.

A estrela do Crescente começou a declinar em Covadonga e viria morrer, passados séculos de luta sem fim, com os últimos defensores das muralhas de Granada.

Ainda a Terra Portuguesa, sem limites bem definidos, pouco ia além do Tejo!

Na região a que hoje chamamos Nordeste

Transmontano havia já, nesse tempo extensas clareiras de terra conquistada ao domínio árabe, e tanto maiores, quanto o ânimo belicoso dos povos lutadores e ousados o permitia.

O solo de Entre-Tua-e-Sabor estava quase limpo de moirama, a não ser o Monte Carrascal e suas vizinhanças junto de pequeno Rio Azibo, termo da antiga Vila de Chacim, local onde assenta o Santuário de Nossa Senhora de Balsamão.

O Monte Carrascal que se ergue- isolado e agreste no fundo de uma pequena planície circundada de outros montes, tinha fortes muralhas talhadas quase a prumo sobre as margens do rio, tudo em rocha viva, impossíveis quase de transpor.

Era numerosa e aguerrida a gente sarracena que as defendia, e por isso os cristãos jamais se atreveram a aproximar-se da fortaleza inimiga.

Dos cimos da Serra de Monte-Mel (1) avistavam eles a mancha pardacenta das muralhas, e enxergavam até, de vez em quando, as sentinelas árabes rondando os baluartes; mas descer à planície e acometer o reduto, era difícil empresa de tentar.

E os anos iam rodando.

Abdel-Ali, era o emir e senhor da fortaleza. Governava como verdadeiro potentado nas povoações circunvizinhas de algumas léguas à roda que, não obstante parte delas já fora do domínio árabe, temiam o Mouro do Monte Carrascal, que era sanguinário e feroz, sensual e vingativo.

(1) Hoje impróprianiente chamada Serra de Bornes. (Nota do Autor)

Abdel-Ali odiava profundamente os povos cristãos que haviam sacudido o jugo muçulmano; e como não era fácil serem socorridos, entretinha-se ele a lançar-lhes pesados impostos; a assolar-lhes os campos em correrias demonstrativas da sua força; e outras humilhações. Pior que tudo isto, era o odioso e terrível *Tributo de Donzelas* que conseguiu impor aos povoados daquelas imediações.

Consiste o nefando tributo, em obrigar todas as donzelas, no dia do seu noivado, a ir passar, a noite de núpcias, no leito do mouro poderoso e sensual!

Jamais houvera na terra, tirania maior para um pobre noivo!

E no dia seguinte, após a noite maldita, em que a força bruta vencera pelo terror, todas as relutâncias da sacrificada, a donzela poluída abandonava a alcova do alcáçar, e, triste e cabisbaixa descia entre risos escarninhos da soldadesca, a íngreme ladeira, e vinha lançar-se, com gritos lancinantes de desespero nos braços do seu noivo, que, em baixo na planície, a aguardava, alma em revolta, pálido de raiva! Levara a noite impotente, perante a força daqueles muros guarnecidos de soldados árabes, a olhar as luzes dos aposentos do pérfido Mouro.

Mais de uma vez, rangendo os dentes, tentara subir a encosta e lançar-se de encontro às portas das muralhas, forçá-las, abri-las, despedaçá-las, e correr à alcova maldita e cravar mil punhais vingativos no corpo do Mouro. Mas impossível! Os árabes eram muitos, as portas fortíssimas, a morte certa, antes de atingir o fim desejado!

Agora ali estava a noiva conspurcada pela baba peçonhenta do Mouro vil, mas de alma inocente e sem culpa alguma.

Este quadro pungente repetia-se já desde longa data.

Donzelas houve que não resistiam à vergonha, e no dia seguinte, após a noite fatídica, procuravam a morte, lançando-se da mais alta rocha do monte sobre a corrente do Azibo, preferindo isso a comparecer diante do noivo. Outras tentavam fugir, depois do casamento para longe do local maldito, mas a soldadesca moira, vigilante e atenta, evitava quase sempre tais fugas, que eram depois pagas pelo dobro ao emir *Abdel-Ali*.

Os anos passavam, mas o odioso *Tributo* dificilmente se cumpria sem protestos, todas as vezes que era exercido.

Muitas donzelas ficavam já solteiras, com o medo de se sujeitarem à tal vexame.

Era enorme a ânsia de libertação que minava o ânimo das populações das vizinhanças do Monte Carrascal, para quebrarem as algemas do mais infame dos tributos.

Esperava-se apenas um acontecimento de vulto e que aparecesse alguém a proclamar a revolta.

Teodolinda, dezoito anos em flor, era a donzela mais formosa e rica de Castro, povoado importante da margem direita do rio sabor, a três léguas de Alfândega, lado nordeste.

Era órfã de mãe.

Seu pai, Rodrigo Ventura de Melo, rico homem e bom cristão, revia-se na beleza da sua filha única! Ela carinhosa e cheia de bondade para toda a gente, era o sol da terra, o enlevo de quem a via.

Os moços dos arredores tinham pela filha do rico homem, verdadeira adoração, mas só aqueles que se julgavam com teres equivalentes ousavam lançar os olhos à esbelta donzela.

Mais de um pretendente bateu à porta de Rodrigo de Melo a sondar o coração da filha. Esta a todos despedia com boas maneiras, sorriso nos lábios, palavras de bondade e agradecimento. Tristes e desalentados os moços amorosos deixavam a rica moradia mais apaixonados ainda pela dona dos seus sonhos.

– Meu pai – disse um dia Teodolinda. – Não traga mais pretendentes junto de mim. Eu não quero casar-me; esta é a melhor vida que posso ter.

Rodrigo Ventura olhou espantado a filha, mas serenando logo retorquiu docemente:

– Não posso pensar como vós, Teodolinda; a velhice aproxima-se, e preciso ao menos deixar-vos entregue a alguém que vos ampare e proteja. Não tendes parentes, e por isso um bom esposo é a melhor guarda. Ide pois, escolhendo e preparando-vos para o casamento.

– Impossível, meu pai, – redarguiu a linda rapariga, abraçando e beijando meigamente o autor dos seus dias. – Nunca poderei casar-me, por dois motivos.

– Dirás então quais são eles? – perguntou com inte-

resse Rodrigo de Melo, passando a mão felpuda de homem robusto pelos cabelos anelados de sua filha acariciando-a com doçura.

– Mas é segredo – disse Teodolinda, roburizando-se um pouco.

– Para um pai que tanto te quer, não deve haver segredos no coração de sua filha.

– Tem razão, meu pai. Perdoe-me. Eu não disse isto por mal; bem sabe que na minha alma há só uma imagem viva a povoá-la, é a sua; e então a saudade imorredoira de minha adorada mãe, que Deus me levou bem cedo.

E dizendo isto, os olhos suaves e meigos de Teodolinda encheram-se de lágrimas.

Rodrigo de Melo, que tanto amara sua mulher, anuviou-se-lhe tristemente o semblante com as recordações que sua filha lhe trazia à mente.

Pai e filha ficaram por algum tempo silenciosos e recolhidos com a lembrança da saudosa morta. Do terraço onde estavam, avistavam-se, não longe, as margens íngremes e alcantiladas do lado de lá do rio, ponteadas aqui e além de tufos alvinitentes anunciadores da Primavera. Eram renques de amendoeiras em plena floração. Aquela tarde de Fevereiro, tépida e suave, convidava ao recolhimento.

Passado algum tempo, Rodrigo Ventura rompeu o silêncio e voltou a perguntar à filha pelo tal segredo.

Teodolinda não quis demorar a ansiedade de seu pai e falou assim, olhos postos ao longe nas matas densas da encosta.

– Não é coisa de gravidade e que possa assustar o meu querido pai, sossegue pois.

– Já estou, filha.

– Olhe, o meu coração até hoje está ainda virgem de amores, e não quer de forma alguma tomá-los; tenho-me esforçado por isso; despedirei todos os pretendentes que aparecerem a solicitar a minha mão.

– Mas porque procedes assim, filha? Bem sabes que cedo ou tarde precisas casar.

– Impossível, volto a dizer! Nem mesmo que aparecesse príncipe de sangue real.

E Teodolinda, ao pronunciar estas palavras com grande convicção, ergueu-se do banco em que estava e fitou o pai, um pouco perturbada.

– Há-de haver uma razão forte para assim falares; dirás a teu pai qual é ela.

A filha de Rodrigo de Melo voltou a contemplar a paisagem agreste da montanha e redarguiu a seu pai com as faces levemente afogueadas: – Quer saber a verdadeira causa? Ei-la então: não casarei nunca, porque jamais me sujeitarei ao odioso e sempre maldito *Tributo de donzelas*! Antes a morte mil vezes!...

E ainda, rosto ruborizado, pelo conhecimento que já tinha, por ouvir dizer, do tal tributo, a filha de Rodrigo abandonou o terraço e entrou no seu quarto, sem mesmo se despedir do pai.

Este ao ouvir o motivo verdadeiro por que sua filha recusava todos os pretendentes, ficou contemplativo e estático!...

Pela sua alma passou, como furacão, uma labareda de raiva contra o Mouro do Monte Carrascal, o opressor de tantos povos.

Sentira sempre, monologava para consigo Rodrigo de Melo, um grande ódio ao emir, todas as vezes que ao seu conhecimento chegavam os ecos do nefando tributo, mas agora, que adivinhava o transe doloroso que duma hora para a outra podia experimentar, o seu rancor duplicou.

Passados alguns instantes de concentração murmurou baixo mas cheio de furor:

– Desta hora em diante começarei a organizar entre os moradores de Castro e vizinhanças a resistência ao odioso tributo; sou rico, tenho influência sobre esta gente, e por isso espero ver chegar o dia da libertação.

E lançou-se com verdadeira coragem, na arriscada empresa.

Abdel-Ali vivia feliz e respeitado na sua fortaleza cheia de soldados aguerridos.

Um dia chegou ao seu conhecimento que alguma coisa de grave se tramava contra o seu poder.

Mandou espias secretos aos povoados, a fim de saber quem seriam os cabeças da conspiração. Ao mesmo tempo as muralhas do Monte Carrascal eram reforçadas e a soldadesca aumentada.

Os emissários regressaram, trazendo boa cópia de informações e até nomes de cabecilhas, entre eles, como

principal, o nome de Rodrigo Ventura de Melo.

Apresentou-se *Abdel-Ali* para uma incursão em forma por todas as terras dos arredores, para demonstrar as suas forças e o seu poder. Seria um aviso aos povos.

Saiu do Monte Carrascal com uma forte e bem armada escolta em som de guerra e onde levava os seus melhores cavaleiros.

Assustaram-se e tremeram as gentes, à sua passagem. Os habitantes mais precavidos recolhiam-se às suas casas, quando o tropel dos cavalos se aproximava das suas moradias e o rufar dos tambores se ouvia distintamente.

No largo principal de cada povoado, as trombetas tocavam a silêncio, a tropa formava quadrado, e um árabe às ordens do emir, lia um pregão de fidelidade ao Mouro do Monte Carrascal e ameaçava com a morte quem não cumprisse com os impostos e tributos já lançados.

Finda a leitura, novos toques guerreiros, desfile da tropa, e abalada da escolta para outro povoado.

Em Castro, a terra mais importante dos domínios de *Abdel-Ali*, a cerimónia teve mais aparato e demora.

A rica moradia de Rodrigo de Melo ficava junto da Praça, e para lá deitava o seu terraço. Todos os habitantes eram obrigados a assistir à leitura do pregão.

O emir, garboso nas suas vestes caras, e cavalgando um belo corcel de puro-sangue, apareceu no Largo precedido da sua tropa. Os espias apontaram-lhe discretamente Rodrigo Ventura, primeiro cabecilha da conjura. Ao lado estava a formosa Teodolinda.

O Mouro estava perturbado com a beleza da filha do

seu maior inimigo.

Já de antemão lhe haviam falado da formosura de Teodolinda mas nunca a supusera tão linda!

Pela mente de *Abdel-Ali* passou a visão de uma futura noite de núpcias passada com a mais bela cristã que até ali vira ainda!

– Aguardarei o seu casamento, porque a esta beldade não faltarão pretendentes – disse para consigo o sensual emir.

Durante a leitura do pregão, feita com maior aparato e ar belicoso, como recomendara, mais de uma vez Abdel-Ali fitou o terraço e a figura gentil de Teodolinda, que se recortava no azul diáfano do céu, naquela tarde amena de Primavera.

O emir quase estava enamorado; e foi com pena já que abandonou o local onde a leitura do pregão lhe parecera mais rápida que de costume, Mas a sua qualidade de chefe impunha-lhe deveres a cumprir e nada de tibiezas.

Recalcou por isso no íntimo da sua alma um débil despertar de amor e partiu com a escolta a galope em direcção ao Monte Carrascal. Quando entrou nos seus aposentos, triste e pensativo, o sol acabava de expirar por detrás do mais alto cume de Monte Mel.

Com tão aparatosa demonstração de força, os povos cristãos ficaram um pouco aterrados, e os clamores de vingança anteriormente expandidos sem rebuço eram

agora proferidos quase a medo e muito às ocultas.

Rodrigo de Melo, após a partida das tropas do emir, não pode encobrir a sua filha o temor que dele se apossou com os olhares insistentes e ousados do odioso Mouro.

– O meu coração adivinha acontecimentos graves, meu pai – disse por sua vez Teodolinda. – Também aqueles olhares de fogo mostram maus presságios; deixaram-me quase doente; parece que um medo enorme de estar aqui se apossou de mim.

Depois de alguns instantes de silêncio, em que pai e filha ficaram pensativos, disse aquele: – E se nós deixássemos Castro por algum tempo, até que Deus nos traga melhores dias?! – Disse à filha Rodrigo de Melo.

– E para onde poderíamos ir, meu pai?

– Em Alfândega tenho eu um amigo e homem de grande prestígio naqueles sítios; é mesmo o «*Chefe dos Cavaleiros das Esporas Doiradas*» que tantos serviços já tem prestado à fé cristã que defendem.

– E que é isso de «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*»? – Perguntou com interesse Teodolinda.

– É o mais decidido e valente grupo de guerreiros destas redondezas – explicou Rodrigo com verdadeiro entusiasmo. – São homens experimentados na guerra contra os Mouros, e que pelos seus feitos, têm as honras de usar esporas de ouro e o nome de Cavaleiros; nas terras de Alfândega há cerca de duzentos à ordem do tal meu amigo.

– E como se chama então o seu Comandante? – Tor-

nou a perguntar Teodolinda. – Pedro Rodrigues de Malafaia, descendente de uma das mais ilustres famílias daqueles sítios.

A filha de Rodrigo pareceu ficar satisfeita com todas estas informações e por isso concordou com a ida.

Aprestaram-se os preparativos para a curta viagem, pois entre Castro e Alfândega mediavam apenas três léguas, mas o caminho é que era mau, porque era preciso subir e descer ladeiras empinadas, onde vegetava um mato densíssimo.

No dia seguinte, pai e filha com alguns criados a guardá-los, visto os caminhos serem pouco seguros, partiram cedo, para não despertar a curiosidade dos habitantes do povoado.

Em casa de Rodrigo Ventura ficava a velha governanta e outros serviçais.

Pela tarde chegaram a Alfândega, povoação já a esse tempo importante e que tendo começado por estalagem árabe denominada «*Fanday*», era agora cercada de muralhas com o seu castelo altaneiro, um reduto forte temido pela moirama que de tempos a tempos, vinda de sul, entrava em correrias pelas terras da Vilariça.

O casario do povoado ficava todo dentro dos muros e era ainda muito rudimentar. Sobressaía apenas uma ou outra moradia mais ampla e de melhor aspecto, entre estas, talvez a melhor era a de Pedro Malafaia.

Teodolinda e seu pai foram ali recebidos com provas de grande amizade.

O Chefe cristão das terras de Alfândega, homem alto,

espadaúdo e já alguma coisa grisalho na barba espessa e no cabelo, fez-lhe o melhor acolhimento ao seu amigo e concedeu-lhe poisada por tempo indefinido.

Passados os primeiros momentos após a recepção, Rodrigo de Melo pôs o seu amigo ao facto do que se havia passado em Castro, e comunicou-lhe todos os seus receios.

Assentaram ambos em estudar um plano a fim de libertar de vez do domínio árabe a região do Monte Carrascal.

Tinha Pedro de Malafaia um filho esforçado que mais de uma vez, em luta contra os Mouros e ao lado de seu pai, dera prova da maior valentia. Andava à roda dos vinte e quatro anos. Alto também como seu pai, tez morena e olhos sonhadores e pretos, era sua presença causa de perturbação no rosto de todas as donzelas dos termos de Alfândega, quando viam o esbelto moço e corajoso guerreiro. Àparte um ou outro pequeno desvario de rapaz solteiro, jamais ligava o seu coração a qualquer mulher.

Gostava mais de guerrear Mouros do que de prender a sua existência à vida pacata do lar; por isso nunca pensara ainda em casar-se.

Fora o amor que tinha por seus pais, e sua irmã a bondosa Joaninha, quase sempre doente desde nascença, com moléstia a que os físicos não achavam cura, nunca sentira outros afectos.

No dia em que chegara Teodolinda a casa de seus pais, andava Casimiro de Malafaia em reconhecimento de terras conquistadas aos Mouros, lá para as bandas de Riba-Côa.

Quando regressou, foi-lhe apresentada a filha de Rodrigo de Melo, amigo este de que vagamente ouvira falar a seu pai.

Ao cumprimentar Teodolinda, Casimiro de Malafaia sentiu dentro de si uma impressão tal que nunca até ali experimentara ao ver tantas raparigas pelas terras que já tinha percorrido. Mal teve serenidade para pronunciar umas palavras quase sem nexo nem sentido.

A beleza estonteante de Teodolinda despertou nele uma coisa nova que até então nunca sentira por mulher alguma. Era o amor, a paixão cega dos amantes dos vinte anos.

A filha de Rodrigo não ficara insensível ante a máscula figura de Casimiro. Dentro de si produziu-se um não sei quê de imprevisto que dali para diante, todas as vezes que se encontrava com o filho de Pedro de Malafaia, quer à mesa, quer junto da pobre Joaninha a quem servia de enfermeira e companhia, o coração batia-lhe alvoroçadamente e afogueavam-se as faces.

Era sempre com pena que via partir Casimiro, para alguma incursão, caçada ou simples viagem.

Não tardou que os dois jovens se declarassem amor ardente com promessas de casamento breve.

Os pais de Casimiro e a própria Joaninha sentiram grande satisfação com tal facto, e não menos contente ficou Rodrigo de Melo que via, enfim o futuro de sua

filha resolvido e com o filho do seu grande amigo, coisa esta que maior prazer lhe causava.

Tão satisfeito se sentia que chegou quase a abençoar a visita de *Abdel-Ali* às terras de Castro e os olhares cobiçosos que deitara a sua filha, quando da leitura do pregão.

Corria o mês de Maio, o mês das flores e do encantamento, em que da terra brota com toda a pujança a seiva vivificante das plantas, mês bendito e tão semelhante à mocidade das almas. A natureza que é eterna nos seus primores, mostra em Maio toda a virilidade do seu seio criador! Por toda a terra corre nesta quadra primaveril, uma corrente renovadora de vida que desperta nas almas um maior apego à existência, e, de tal maneira, que a morte das pessoas no mês de Maio deve ser coisa duplamente triste!

Numa noite luarenta desta quadra passeavam ao longo das muralhas da fortaleza de Alfândega, Rodrigo Ventura e Pedro de Malafaia. Discutiam acaloradamente, mas quase em segredo, e na melhor das harmonias. Via-se pelos seus gestos e atitudes, que algo de importante combinavam entre si.

Perto num pequeno jardim que circundava por dois lados a moradia de Malafaia, sob o copado de uma grande cerejeira, estavam Teodolinda e Casimiro sentados sobre os degraus de uma pequena escada que dava para uma saleta de jantar, onde recostada em cadeira própria, embora toscamente trabalhada, se encontravam Joaninha e sua mãe.

Os nossos dois namorados, com as mãos entrelaçadas, ao mesmo tempo que alguns reflexos de luar, coados através da folhagem da cerejeira, lhes inundavam as faces, falavam do seu futuro casamento, com aquela linguagem doce e aliciante, que só os noivos sabem usar. Olhos fitos um no outro, frases curtas, mas perfumadas de amor inocente, as horas deslizavam rápidas como as águas sussurrantes tombadas de cascata em cascata.

– Mas Casimiro, – dizia Teodolinda, prosseguindo na conversa e nos projectos futuros. – Eu morreria de vergonha, se fosse obrigada, como tantas donzelas já o foram, a ir ao Mouro do Monte Carrascal.

– Não tenhas receio, meu amor – redarguiu o moço; – o nefando *Tributo* tem os seus dias contados; nem mais uma rapariga voltará a ser sacrificada à sensualidade do odioso *Abdel-Ali*.

Enquanto isto afirmava, as suas mãos apertavam mais fortemente as de sua noiva.

– Que poder vós tereis, para vencer o poderoso emir? – Tornou a dizer Teodolinda.

– O poder das nossas lanças, a coragem dos nossos companheiros e a fé das nossas almas cristãs, – redarguiu com altivez, o filho de Pedro de Malafaia; – o meu pai mandou chamar a uma reunião, que se efectuará amanhã, muitos dos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» a fim de combinar com eles o ataque ao Monte Carrascal; se ficarmos vencedores, como Deus o quer, o domínio sarraceno acabará para sempre nas terras de Entre-Tua-e-Sabor; é isto certamente o que ele está a dizer acolá a

teu pai.

E apontou à distância as duas figuras a passear ao longo das muralhas e que daquele sítio se enxergavam muito bem, por noite tão bela e luarenta.

– Que felicidade eu sinto com as tuas palavras, Casimiro, nem que elas viessem do Céu me daria mais alegria! Poderemos assim unir afoitadamente as nossas almas, sem temor do terrível *tributo* que era todo o meu pesadelo!

– Juro à fé de que sou bom cristão, que serás só minha, disse solenemente, erguendo-se o moço cavaleiro; – primeiramente passarão sobre o meu cadáver, antes que o torpe Mouro te lance as suas garras aduncas! E num gesto irreflectido abraçou com transporte Teodolinda, beijando-a docemente na face. A filha de Rodrigo de Melo um pouco perturbada pela ousadia de Casimiro, não correspondeu ao beijo do seu noivo, porque aos olhos de Deus, lhe parecia heresia fazê-lo. Censurou-o apenas com um sorriso e levantou-se entrando na saleta a fazer um pouco de companhia à bondosa Joaninha.

Casimiro ainda trémulo com a cena que acabava de passar-se, dirigiu-se para o sítio onde seu pai e Rodrigo de Melo continuavam a conversar.

Havia mais de dois meses que Teodolinda e seu pai demoravam em terras de Alfândega.

Ao emir do Monte Carrascal jamais esquecera a figu-

ra gentil da filha de Rodrigo Ventura. A sua beleza estonteante surgia-lhe muitas vezes em sonhos.

Soube pelos seus espiões da retirada de Teodolinda e seu pai para as terras de Alfândega, ignorando porém o motivo de tal facto.

Ao seu conhecimento chegou também o projecto do enlace da linda cristã com o filho do capitão dos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*».

Ficou de sobrecenho carregado com tal notícia; entristeceu mesmo sem saber porquê. No entanto, uma esperança acalentou logo: sempre viria a possuir, pelo menos uma noite, a mais bela cristã daquelas redondezas!

Passados os primeiros momentos de surpresa, voltou-lhe a alegria ao rosto e monologou para si: – os sonhos que tantas vezes já tive com a filha do meu pior inimigo, vão transformar-se em realidade; o *tributo* está de pé; depois do pregão que mandei ler, os povos estão atemorizados e submissos; posso portanto aguardar sem receio a boda da formosa cristã. E quem sabe se depois da noite do *tributo*, eu que me sinto preso de encantamento por tal mulher, a guardarei só para mim e não a deixarei partir mais?! Será a terrível vingança que há muito anseio tirar desses «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*», inimigos figadais da minha raça e da minha religião!

E *Abdel-Ali* antegozava já o prazer do amor e da vindicta. Os dias que iam passando, pareciam-lhe intermináveis, não obstante as galas primaveris que a natureza mostrava, mesmo entre a braveza daqueles montes,

onde a urze e a carqueja vegetavam exuberantemente; isto, nas encostas empinadas, porque em baixo, nas veigas do sopé do Monte Carrascal, a erva crescia mimosa, as searas estavam prometedoras, os ralos e os grilos formavam pelo entardecer, uma orquestra colossal, enquanto o Azibo, já de águas minguadas, deslizava cantante por entre os amieiros que o bordejavam.

Um dia, chegou ao conhecimento de *Abdel-Ali* que Rodrigo de Melo ia regressar a Castro, com sua filha e o noivo desta, a fim de celebrarem a boda.

Sentiu dentro de si um misto de alegria e ciúme, ao mesmo tempo, porque embora a raça e a religião o separassem de Teodolinda, o coração parecia não querer estabelecer tais diferenças.

Saboreava já, em pensamento pelo menos, o prazer das graças corporais e instinto carnal, quando um dos seus espias trouxe esta notícia: os noivos casariam, mas Teodolinda não pagaria o famoso *tributo*.

O emir ficou surpreendido com tal novidade. Desabafou em fúrias e ameaças aos cristãos de Castro que ousavam resistir às suas leis.

– Verei nestas muralhas as cabeças de Rodrigo e do genro espetadas nas pontas das lanças dos meus soldados – vociferou o Mouro, espumante de raiva; – e então veremos a quem pertencerá a Teodolinda! Até aqui contentava-me com a posse de uma noite, agora desejo-a só para mim – concluiu com riso feroz o Mouro odioso.

E o pensamento obcecante de possuir a linda cristã, jamais o abandonou! Era a sua preocupação de todas as

horas e de todos os instantes, mas a paixão não o cegou a pontos de descurar a defesa do Monte Carrascal, na contingência de um ataque imprevisto.

Mandou recolher víveres em grande quantidade. A água não faltava na enorme cisterna; soldados valorosos tinha-os em abundância, por isso nada tinha a temer, caso os povos das circunvizinhanças se atrevessem a um ataque, como desde há muito, à boca pequena, se falava por todos os lugares.

O Monte Carrascal é circundado pelo norte e nascente, como já dissemos pelo rio Azibo, sobre o qual as rochas caem quase a prumo; pelo poente e sul, a encosta é um pouco suave e liga-se à planície que é estreita, mas alongada, na direcção noroeste, até aos primeiros contrafortes da serra de Monte Mel, numa distância de três quilómetros aproximadamente.

Cercado de fortes muralhas e largos fossos, não era fácil a conquista do solar de *Abdel-Ali*.

Acrescente-se ainda o facto de os soldados árabes serem aguerridos e temíveis combatentes já experimentados em batalhas diversas. Que poderiam fazer contra eles os habitantes das cercanias mais afeitos ao manejo da rabiça do arado que às lanças e ao arco?! Só um esforço de homens habituados às lides da guerra podia incitar os povos à revolta contra a única nesga de terra árabe da região Entre-Tua-e-Sabor.

Enquanto o emir *Abdel-Ali* vivia assim confiante na

sua boa estrela que nunca até ali o abandonara, em terras de Alfândega tudo se preparava para a marcha em direcção ao Monte Carrascal.

Pedro Malafaia convidara havia dias os chefes dos *«Cavaleiros das Esporas Doiradas»*. Mais de duzentos responderam à sua chamada! Disse-lhes que chegara a hora de pôr termo ao reinado despótico de *Abdel-Ali* numa região há muito livre do jugo sarraceno, e que o odioso tributo das donzelas não podia continuar a prevalecer.

Narrou aos cavaleiros mais íntimos o próximo casamento de seu filho e o propósito que havia de não acatar as determinações estipuladas pelo nefando *tributo*.

Todos aprovaram as palavras do Chefe supremo e entusiasticamente ofereceram os seus esforços e os dos homens às suas ordens. A reunião tivera lugar no amplo terreiro inter-muralhas de Alfândega, donde se descortina um lindo e dilatado panorama: ao norte, o Monte-Mel; a poente as primeiras planícies da Vilariça; ao sul, o Reboredo e a Múa; e ao nascente, os píncaros do Mogadouro.

Era por uma tardinha do mês de Julho. Ficara combinada a junção de todas as forças a uma légua ao norte de Castro, entre os povoados de Saldonha e Peredo, pelo meio dia do primeiro sábado.

O casamento dos noivos realizar-se-ia pela manhã, ao romper da alva na capela do Santo Cristo da Fraga, de Castro. Aguardar-se-ia que o Mouro desse mostras de impaciência logo que visse que a noiva se não resolvia a

cumprir o tributo; e neste caso, certamente mandaria emissários com forte escolta à sua procura. Seria então o início do combate: primeiro derrotar e aprisionar a escolta; depois marchar sobre o Monte Carrascal e assaltar o reduto, onde o número de soldados, pela falta da escolta, seria já menor, e por isso mais fácil de vencer. Assentou-se nisto. Começaram logo os preparativos, porque a boda efectuava-se dali a três dias, depois da lua nova.

Em casa de Rodrigo de Melo tudo se aprestava para o grande dia.

O povo de Castro exulta de contentamento, porque sente grande afeição e simpatia pelos noivos, que são nobres e ricos, ambos de grande beleza física e moral.

No entanto andava receoso; constava, embora em segredo, que Teodolinda não pagaria o abominável *tributo*.

Se por um lado o povo sentia ânsias de liberdade, por outro a ser verdade o que se dizia, teme a vingança feroz do emir. Aguardava pois, numa atmosfera inquietante, o desfecho do acontecimento que estava para breve.

De tudo o que se ia passando era o Mouro informado pelos seus aguazis. Sabia já da futura resistência de Teodolinda, em não querer sujeitar-se ao *tributo*.

Mas o que ele ignorava era o plano traçado pelo Chefe dos *«Cavaleiros das Esporas Doiradas»*, no terreiro da fortaleza de Alfândega.

Fiado na sua força e na protecção da sua boa estrela não acreditaria no atrevimento dos povos mesmo que de tal plano fosse informado.

Concebeu porém *Abdel-Ali* um ardil tenebroso que frustrasse as festas da boda. Chamou o seu melhor oficial e disse-lhe: – Wali és cavaleiro arrojado e fiel?

– Allah o sabe.

– Sereis capaz de um acto da maior valentia?

– Dareis, emir, as vossas ordens que com o auxílio do Profeta serão cumpridas.

– Sabei que amanhã, ao romper de alva, terceiro dia de lua nova e por isso bom presságio para a nossa empresa, visto que a lua agora é semelhante ao crescente do estandarte do Islam, amanhã, repito, a formosa Teodolinda de Castro vai desposar Casimiro de Malafaia donatário das antigas terras árabes de Alfândega...

– Quereis a cabeça desse cristão? – Perguntou o fiel vassalo, sem deixar concluir o emir.

– Não é isso que te peço. Mas quero que, após o acto de casamento, Teodolinda seja por ti raptada e conduzida aqui, visto que é propósito seu não pagar o *tributo* a que nenhuma donzela até hoje se recusou ainda!

– Serão cumpridas as vossas ordens – disse o emissário; curvando-se para se retirar.

– Espera ainda Wali, – acudiu o emir –, escolherás escolta numerosa, bons e velozes cavalos; num deles depões Teodolinda e com ela te dirigirás para aqui com toda a rapidez, seguido de escolta. Allah te proteja; podes partir.

O obediente vassalo saiu a preparar a sua gente.

Pela meia-noite a escolta abandonou o Monte Carrascal, dirigindo-se para as imediações de Castro.

A noite estava clara e quente, estava-se no pino do Verão.

A escolta evitava assim a passagem pelas localidades, a fim de não despertar alarmes. Desceu pelo lado da encosta que se liga à várzea, subiu a ladeira em frente, passou rente ao casario da povoação de Lombo, terra cristã das mais próximas da fortaleza mourisca e também próximo da aldeia de Peredo que fica a uma escassa légua de Castro.

Ao tropel dos cavalos, os cães dos pastores que guardavam os bardos ladravam furiosamente; dos silvedos e matagais aves assustadiças levantavam vôo; e dentre o mato mais denso um ou outro javali rompia veloz e ruidosamente roncando, se era porco adulto, a embrenhar-se na touça densa que os cavalos a custo trilhavam.

Mal começara a tingir-se o Céu, para os lados de Miranda, indicando o arrebol da madrugada, quando a cavalgada, torneando o lugarejo de Porrais, a dois passos do rio Sabor, que deslizava minguado de águas, lá no fundo do leito pedregoso, fez alto numa floresta densíssima de carvalhos e azinheiras, a menos de um quarto de légua de Castro.

Os galos cantavam perto a indicar o romper da manhã. Wali mandou apear todos os cavaleiros e foi ele mesmo reconhecer o terreno. Voltou breve. Disse aos seus homens que avançassem cavalos à rédea, até às primeiras

casas do povoado próximo do largo terreiro onde ficava a casa de Rodrigo de Melo. Como o arvoredo era espesso mesmo até ao muro que separava a rua dos quintais das habitações, foi-lhes fácil aos soldados acoitarem-se ali, sem serem vistos.

O golpe estava combinado para quando os noivos regressassem da Igreja e passassem como eram obrigados, por não terem outro caminho, junto daquele sítio, em direcção à moradia do rico homem.

Enquanto se faziam estes preparativos de assalto, em casa de Rodrigo de Melo, já tudo a pé, ia uma azáfama extraordinária de preparativos. Tinha-se resolvido o casamento, para uma hora matutina, a fim de haver tempo e de ele chegar ao conhecimento do Mouro do Monte Carrascal. Este depois de compreender a resistência ao *tributo*, deveria talvez tentar algum golpe de força; e sendo assim, haveria o dia inteiro para lhe fazer frente, enquanto «*Os Cavaleiros das Esporas Doiradas*» se aproximassem.

Era bem outra a ideia do emir, como já sabemos.

Uma manhã radiosa de Julho clareou. Os noivos e muito povo dirigiram-se para a Igreja do Santo Cristo da Fraga. Rodrigo de Melo e muitos dos seus amigos acompanhavam o cortejo. A cerimónia foi breve. O sacerdote cristão abençoou os noivos e disse: – «Mil venturas caiam do Céu, sobre as vossas cabeças, e infindos dias de

liberdade, sem que jamais o *tributo* do muçulmano volte a ser pago!... Amen.» respondeu o povo em coro, e em absoluta concordância, mas trocando entre si olhares significativos de algum receio.

Terminou o acto quando o sol, rompendo triunfal banhou em luz doirada o campanário da Igreja cristã de Castro.

Por entre alas de gente afectuosa que acarinhava com verdadeira simpatia os noivos, ela a mais formosa e rica donzela daquelas redondezas; ele, o belo e nobre cavaleiro das terras de Alfândega, lá seguia o cortejo em direcção à casa de Rodrigo de Melo onde, para convidados e gente do povo, estavam repletas de iguarias diversas mesas no terraço.

Quando despreocupadamente o cortejo nupcial seguia pela rua junto aos muros divisórios dos quintais, um reboliço enorme se produziu entre o povo!

Mais de trinta cavaleiros árabes desatam às cutiladas à multidão que, espavorida e aos gritos, foge em todas as direcções; tropeça, cai e levanta-se, para tornar a correr novamente. Os guerreiros mouros, em menos de meio minuto, abrem caminho e alcançam os noivos. Estes mal tinham dado ainda pelo assalto.

Rápido como o relâmpago, o comandante da escolta arrebata Teodolinda, monta-a consigo, e, cravando as esporas nas ilhargas do cavalo, parte veloz, em direcção ao Monte Carrascal. Um grupo de mouros cobre-lhe a retirada. Casimiro que repentinamente se vira cercado de árabes, compreendeu num relance a tragédia e tentou por

isso evitá-la, cobrindo a noiva com o seu corpo, mas um golpe de alfanje atingiu-o na fronte e derrubou-o.

Os mouros, vendo consumado o facto, desapareceram em galope, no encalço do Chefe.

O povo desorientado e espavorido, passados os primeiros momentos de surpresa, começou a refazer-se do susto e cercou logo os feridos que jaziam no solo.

Rodrigo de Melo e outros convidados que longe estavam de esperar tal ousadia dos árabes, foram levados de roldão na frente do povo em debandada, e encontraram-se distantes um pouco do ponto onde caiu ferido Casimiro de Malafaia.

Este foi logo transportado para casa. O ferimento era insignificante e por isso breve recuperou os sentidos.

Mal despertou e compreendeu o drama que acabava de consumar-se, ficou como louco! Agarrou na sua lança e precipitou-se para a porta.

Rodrigo de Melo cambaleante e extremamente pálido, chorando pela sua desventurada filha, ainda teve forças para impedir a saída do infortunado moço, que pretendia ir sozinho em socorro da sua noiva.

– Deixem-me partir – berrava Casimiro, olhos em fogo, debatendo-se nos braços dos convidados da boda.

– Deus há-de protegê-la – diziam muitas vozes a um tempo, para aquietar o infeliz mancebo.

– Ou partimos já todos, ou vou eu só. É preciso chegar a tempo que o infame sarraceno possa conspurcar com a sua baba peçonhenta a virgindade da minha adorada Teodolinda – e dizia isto, espumante de raiva e pu-

nhos cerrados e ameaçadores dirigidos na direcção por onde a escolta árabe havia desaparecido.

–Vamos todos – bradavam dezenas de vozes a um tempo – armemo-nos e partamos já.

E cada morador de Castro correu à sua habitação em procura de qualquer arma: lança ou chuço, espeto ou cutelo, machado ou simples moca de zambujeiro duríssimo.

Em poucos momentos, o povo aguerrido de Castro estava a par, na sua totalidade, do que se havia passado e não houve, por isso homem ou rapaz, velho ou novo que em breve não aparecesse armado para a luta.

Diversos emissários partiram logo em direcção aos povoados próximos que circundavam o Monte Carrascal. Levavam a missão de levantar as populações e chamá-las à revolta contra *Abdel-Ali*.

Uma ordem secreta foi enviada com toda a rapidez ao pai de Casimiro Malafaia, o Chefe dos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» que àquela hora deviam já vir a caminho de Castro. Na comunicação se lhe dizia do facto sucedido e por isso que adiantassem o mais possível a marcha em direcção à fortaleza do emir.

Em pouco mais de meia hora, os moradores de Castro reuniram-se armados no largo principal do burgo, em frente à casa de Rodrigo de Melo.

Foram-lhes distribuídas todas as iguarias que estavam

destinadas para a boda que terminara tão tristemente.

Pouco se comeu, porque a comoção assaltara a alma de toda aquela gente; havia antes uma vontade grande de partir e combater o pérfido Mouro.

À voz de Casimiro, lívido de raiva e de impaciência, toda aquela multidão, onde havia gente de várias idades e armas do mais extraordinário feitio, partiu em tropel, e sem ordem de combate em direcção ao norte.

Mal se tinham percorrido uns escassos centos de metros chegou aos ouvidos de todos o tanger longínquo de sinos diversos, tocando a rebate.

Era a revolta que alastrava nos povoados vizinhos, onde a notícia do acontecimento já havia chegado levada pelos emissários de Rodrigo de Melo!

E como há muito se aguardava uma voz de comando e um sinal de assalto ao Monte Carrascal o povo acolheu alvoroçadamente e preparou-se para a marcha.

Voltemos ao momento em que Wali com a rapidez do raio, arrebatou a formosa Teodolinda e a colocou na garupa do seu fogoso corcel, partindo em seguida como uma seta.

A linda moça atordoada com a surpresa do golpe, não soltou um só grito, porque tombou logo desmaiada nos braços do possante Mouro.

Wali não fez caso de tal facto. O que desejava era correr, voar, se possível fosse.

Pouco mais levou de uma hora o trajecto de três léguas que separa Castro do Monte Carrascal!

Abdel-Ali, após a partida da escolta, não sossegou; ergueu-se por isso cedo, antes mesmo de clarear a manhã.

Foi para as muralhas da sua fortaleza, a fim de ver, se por entre a neblina da madrugada enxergava ao longe, para as bandas do sul, vultos da sua gente.

A soldadesca que estava de guarda à sua fortaleza, dormia ainda a sono solto pelos terraços da fortificação, sob o copado das escassas árvores de porte raquítico que havia por entre o casario tosco das diversas habitações árabes espalhadas por todo o dorso do monte.

À medida que o dia clareava, *Abdel-Ali* sentia-se mais agitado e nervoso; o coração bate-lhe desordenadamente, não sabendo explicar se era de paixão ou simples desejo sensual.

– Será Wali bem sucedido na sua empresa? – murmurava baixinho para si. E novos olhares na mesma direcção, enquanto dos salgueiros que bordavam o pequeno rio subiam até ele variados gorjeios de passarada, anunciando o romper do dia.

Em breve o sol, desfazendo a ténue bruma que poisava no vale, começa a espalhar pelos contrafortes da serra de Monte-Mel a sua poalha doirada.

Nisto, ao longe, numa dobra de encosta, o emir avistou uma parte da sua escolta em descida rápida.

Conheceu logo, pela brancura do albornoz e pelo cavalo que montava, o seu fiel mensageiro. Tremia de co-

moção e de prazer, pois à medida que os cavaleiros avançavam, enxergava ele um vulto de mulher na garupa do cavalo de Wali.

–É ela! É ela! a formosa Teodolinda – bradou, sem poder conter-se o odiado *Abdel-Ali.*

E rápido desceu à entrada principal da fortaleza a receber o precioso fardo.

– Aí a tendes! É vossa! – pronunciou ofegante, coberto de pó da caminhada, mas com ar respeitoso, o valente Wali.

E ao dizer isto, depositou nos braços de *Abdel-Ali,* a noiva de Casimiro de Malafaia que se conservava ainda desmaiada.

– Obrigado destemido cavaleiro; terás a devida recompensa – disse o Mouro recebendo o corpo de Teodolinda.

– Acautelai-vos, senhor – tornou Wali; alguns dos nossos cavaleiros que ficaram mais à retaguarda, observaram que o povo de Castro se ficou a preparar para seguir para aqüi; quer certamente vingar-se da afronta que lhe fizemos e do roubo precioso que lhe arrebatámos.

Abdel-Ali quase nem ouviu o seu lugar-tenente. Correu ao alcáçar e depôs no seu leito o corpo esbelto e apetitoso da linda cristã.

Ficou-se a contemplá-lo, cobiçoso, sensual, olhar em brasa, como o tigre à sua vítima, antes do assalto fatal.

Depois aproximou-se mais do leito, e beijou sofregamente com os seus lábios carnudos as faces descoradas pelo desmaio da pobre Teodolinda, que estremeceu ao contacto sensual do Mouro, mas não recuperou os

sentidos.

Quis logo cevar a sua animalidade no corpo inerte da linda noiva, mas deteve-se, como que a antegozar o seu prazer carnal, e monologou:

– Quero que ela acorde primeiro! Quero ver os seus lindos olhos que tanto me enfeitiçaram e observar a impressão que lhe causa a minha presença e este lugar para ela desconhecido! E aproximou-se mais ainda da infeliz donzela condenada agora à cupidez do pérfido emir. E depois pronunciou como em murmúrio, mas onde ia o rancor, próprio da voz do sangue:

– Teodolinda, amo-te como a mais linda mulher que tenho visto, mas odeio-te como cristã que és! Saberás que não se brinca com as determinações de *Abdel-Ali*, senhor destes povoados. Estas palavras ditas aos ouvidos da noiva de Casimiro de Malafaia fizeram-na despertar bruscamente.

Quando ela viu na sua frente a figura sinistra do Mouro que jamais havia esquecido, após aquela tarde de pregão, e cujos olhares tanto a preocupavam depois; logo que compreendeu a sua situação e se recordou do facto passado, julgou-se perdida para sempre. Soltou um gemido de pavor, ergueu-se de um salto no leito e bradou, rosto transtornado pelo medo, por socorro.

Abdel-Ali não a deixou gritar; agarrou-a pela cintura volta a deitá-la no leito e lança-se sobre ela, como tigre esfomeado à sua presa. Teodolinda tenta ainda desenvencilhar-se dos braços do Mouro. Pálida de terror, faz esforços terríveis, para se libertar, mas passados

instantes de luta tão desigual, tomba para o lado, ergue as mãos ao Céu, e só disse:

– Meu Deus! Meu Deus! Salvai-me!

– O teu Deus não te poderá valer – gritou o Mouro já impaciente e aborrecido com a resistência da donzela.

E abrindo as mãos à pobre Teodolinda que a rezar as conservava ainda erguidas, diz triunfante, e arrebatado de fogo sensual:

– Eis o momento mais belo da minha vida e que vale por todos os *tributos* até hoje pagos. E quando ia a violentar a pobre noiva, fortíssimas argoladas se fizeram ouvir na porta da alcova e ao mesmo tempo a voz angustiosa de Wali:

– Correi, Senhor! Cristãos à vista e em tom de guerra!

Abdel-Ali lívido e trémulo de raiva pela interrupção feita ao seu idílio, levantou-se num repente e abandonou a Câmara onde ficava Teodolinda prisioneira e dirigiu-se para as muralhas da fortaleza a inquirir dos factos.

Encontrou as suas tropas em alvoroço e prestes à luta. Pelas encostas dos montes fronteiros ao Carrascal desciam algumas centenas de homens em ar de desafio, gritando e ameaçando de longe a guarnição árabe, numa algazarra ensurdecedora. A multidão parou logo que atingiu a pequena planície que medeia entre as duas eminências.

No meio deste povo estava como Chefe Casimiro de Malafaia que, desfigurado e terrível, quis imediatamente lançar-se ao ataque à fortaleza.

Com os olhos espavoridos, olhava o casario que se elevava acima das muralhas onde a sua noiva, morta ou desonrada estaria coberta de vergonha.

Aquietaram-no. Seria temeridade – disseram-lhe. Aguardariam a chegada de novos reforços e principalmente a falange dos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» que não tardariam.

Abdel-Ali, quando viu que os cristãos paravam no sopé do monte e eram em número fácil de vencer, mandou sair parte das suas tropas a dar-lhes combate. Ficou das muralhas a observar a luta. O choque foi medonho! Logo à primeira investida, alguns cavaleiros mouros rolam no solo, sem vida. Os gritos de vingança da parte da gente cristã eram terríveis. Casimiro Malafaia, montado num fogoso corcel, lança-se no meio da turba sarracena e derruba às cegas, mas sem ser atingido por nenhum golpe dos contrários.

A tropa moura, aguerrida e com fama de valente, redobra de esforços e leva de vencida os cristãos que caem às dezenas mortos ou feridos.

Abdel-Ali, entoando já vitória do local em que se encontrava, vê no entanto, com verdadeira surpresa, surgir na crista de todos os montes fronteiras, imensa multidão aos gritos:

–Morra o Mouro! Morra o Mouro!

O emir não se assustou com tais apóstrofes; teve um sorriso irónico; confiava na sua tropa. O estandarte do Islam continuava a esvoaçar ao vento por cima da fortaleza do Monte Carrascal.

Era meio-dia! O sol caía agora a prumo sobre a cabeça dos combatentes, que não sentiam cansaço; nem calor.

Quando toda a multidão de guerreiros cristãos convergiu para a pequena planície, a luta generalizou-se em toda a linha!

Novos reforços de tropas saíram da fortaleza mourisca pela porta das muralhas e desceram pela encosta a juntar-se às que no sopé do monte combatiam desde o começo.

Comandava-as agora Wali, lugar-tenente do emir.

A batalha tomava assim maior incremento.

Aos gritos do início da luta seguia-se agora um maior silêncio cortado apenas pelo choque dos ferros, pelas pragas dos combatentes e pela queda dos corpos.

– Allah! Allah! – Gritava-se no campo árabe.

– Cristo! Cristo! Virgem Maria! – invocava-se de olhos erguidos ao Céu, do lado dos assaltantes.

Casimiro de Malafaia que ainda não fora ferido, não obstante a sua ousadia em procurar os pontos mais acesos da luta, opera prodígios, apesar da falta de disciplina que se nota na sua gente, valente é certo, mas não habituada aos grandes choques.

O dia avança, começa mesmo a declinar e o formidável combate não tem tréguas, nem a vitória se inclina para um dos lados.

O noivo de Teodolinda, vendo assim as coisas indecisas, só apela para seu pai que não via chegar com os «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*».

Os mortos e feridos eram já de muitas dezenas de parte a parte!

Diz a lenda que, no mais aceso da luta apareceu, no campo de batalha, a *Virgem Nossa Senhora,* personificada numa *enfermeira*, a curar os cristãos com um bálsamo que trazia na mão e que os punha logo em condições de voltar ao combate.

Abdel-Ali, do cimo das muralhas, continuava a observar a refrega que via agora indecisa. O seu pensamento estava porém em Teodolinda, cujos gritos vindo do interior da fortaleza chegavam até ele.

Resolveu pôr termo rápido à luta. E por isso com o resto das tropas que ainda tinha de reserva sai pela porta principal das muralhas e dirige-se encosta abaixo, ao local do combate. O aparecimento de tais reforços mouros fez logo esfriar o ânimo dos combatentes cristãos, que, não podendo resistir à fúria com que os árabes recomeçaram o ataque, iniciaram então a debandada, voltando as costas aos seus inimigos.

Estaria assim já perdida a batalha, quando no cimo do monte fronteiro ao Monte Carrascal aparece uma massa compacta de tropas. Eram os «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*»!

Estes, vendo o que acabava de passar-se gritam lá de longe:

– Cara ao Mouro! Cara ao Mouro!

Os fugitivos suspenderam a debandada. Casimiro de Malafaia, que pálido de raiva tentava deter a fuga da sua gente, quando avistou as tropas de Alfândega que vinham

socorrê-lo, corre para eles a abraçar o pai!

– Meu Pai! Meu Pai! Salve Teodolinda! – suplicou o moço cristão beijando-o respeitosamente.

A luta recomeça rija, atroz e furibunda!

– Cara ao Mouro! – Cara ao Mouro! – grita-se a alguns fugitivos que não tinham dado pela chegada dos reforços e que tentavam ocultar-se no mato espesso das margens do rio.

E toda aquela multidão vestida com fatos diversos, armada de mil formas, mas cheia de fé e ardendo em vingança, se lança furiosamente outra vez ao ataque.

Os «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» são a única tropa disciplinada, bem ordenada do lado cristão. No campo árabe é bem menor o número de soldados, mas habituados à guerra, com armas terríveis e destros no manejo, suprem em parte a desproporção da quantidade.

E por isso, de parte a parte, paira na alma dos combatentes a esperança da vitória.

Mata-se sem piedade, para alcançar depressa o triunfo! São tantas as pragas e gritos de vingança, como os golpes atirados às cabeças dos inimigos! É um clamor horrível e medonho que faz espantar os animais bravios da floresta e debandar a passarada do arvoredo que limita o pequeno vale.

Combate-se em massa, aos grupos, isoladamente, sem escutar as vozes do comando, tal a sanha feroz própria do ódio de raças e de religiões!

Fogem cavalos espavoridos cujos ocupantes tombaram feridos de morte nas ribanceiras do rio que mingua-

do de águas, mas tintas de sangue, vai correndo silencioso por entre os amieiros.

Já dura há três longas horas o formidável combate! Os mouros começaram então a recuar, subindo a encosta onde assenta a fortaleza.

Soltam-se os primeiros gritos de vitória!

A *Enfermeira* desconhecida *(Nossa Senhora)* lá continua na sua milagrosa missão curando os cristãos feridos que depressa voltam à luta.

Os «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*», com um arrojo digno das suas tradições guerreiras apressam a derrota dos árabes.

A frente deles, Malafaia, Pai e Filho, num avanço irresistível, onde alguns perdem a vida, levam de vencida os Mouros até às portas da fortaleza, onde estes se recolhem na fuga precipitada, encerrando logo as portas, mas não tão depressa que alguns árabes ficassem da parte de fora e que imediatamente foram feitos prisioneiros.

O sol começava a declinar para o Ocidente. Os lutadores cristãos, inundados de suor e sangue, sentem-se fatigados, mas vendo a vitória quase certa, redobram de esforços e lançam-se ao ataque à fortaleza.

Tenta-se abalar a porta forte da entrada; improvisam-se escadas toscas ali mesmo construídas, com troncos de árvores, a fim de escalar as muralhas. Mas de cima, os mouros resistem furiosamente às ordens de *Abdel-Ali* que ainda não tinha recebido ferimento algum.

As íngremes encostas do Monte Carrascal enchem-

se de novos lutadores vindos de outros povoados vizinhos, onde já chegara a notícia do combate.

Por dezenas de locais ao mesmo tempo se tenta subir às muralhas!

Os árabes já minguados em número e cansados de lutar, não podem acudir a todos os sítios do assédio.

Embora com pesadas perdas, os cristãos após mais duas horas de ataque, conseguem trepar às muralhas, onde se trava a luta com os derradeiros defensores do estandarte do Islam!

Aos golpes vibrados tão seguidamente, as portas da entrada do reduto cedem também, e por elas entram de roldão alguns centos de guerreiros cristãos, indo na frente os sobreviventes dos *«Cavaleiros das Esporas Doiradas»* que foram os primeiros a penetrar no recinto da fortaleza

Os mouros, perante o assalto dos cristãos e o número deles, oferecem já fraca resistência, deixam-se agora matar com aquele fatalismo próprio da sua raça!

Abdel-Ali, quando viu tudo perdido e adivinhou o seu fim para breve, refugia-se no interior da fortaleza e corre aos aposentos onde deixara a pobre Teodolinda. Esta, havia horas que, de joelhos implorava a protecção da *Virgem Santíssima*, para os combatentes cristãos, pois através de uma friesta vira no sopé do monte o desenrolar da luta travada por sua causa. Estava nesta atitude rezando fervorosamente, quando a porta da alcova se abriu com estrondo e no limiar se desenha a figura sinistra do Mouro lívido, coberto de suor e pó, olhos em brasa, que, avan-

çando para ela regouga:

– Cristã maldita! Por tua causa perco os meus domínios e a minha vida. Não me pertencerás, mas também nenhum outro gozará os teus encantos. Allah assim o quer!

E rápido trava de um punhal reluzente, ergue-o no ar, e prepara-se para o enterrar no coração de Teodolinda que, espavorida e terrificante espera a morte com o balbuciar de uma prece, quando, como um relâmpago irrompe na Câmara, Casimiro de Malafaia, que, numa lançada mortal atravessa o peito de *Abdel-Ali,* que tomba no pavimento lájeo, soltando um urro medonho!..

Teodolinda cheia de pavor, mal teve tempo de soltar um grito de alegria, porque caiu desmaiada nos braços de seu noivo que a beija loucamente, febrilmente, enquanto o Mouro nos últimos estertores da agonia, de olhos esgazeados e imóveis, parece contemplar, num espasmo final, como castigo supremo, aquele quadro de ternura e amor!...

E para sempre o último reduto sarraceno das terras de Entre-Tua-e-Sabor caía em poder dos Cristãos!

Casimiro de Malafaia, logo que sua noiva voltou a si, cortou a cabeça ao Mouro e trouxe-a na ponta da sua lança até às muralhas e ofereceu-a ao povo. Este solta gritos de alegria e de triunfo ao avistar os dois noivos, porque supunha Teodolinda morta.

A cabeça ensanguentada do árabe ali exposta, foi motivo de enorme contentamento.

– Não mais haverá *tributo de donzelas* – gritava a

multidão em delírio!

Vencidos os últimos defensores do Monte Carrascal, o estandarte do *Crescente* foi apeado e rasgado, enquanto no cimo da fortaleza subia a bandeira do Portugal-cristão que os «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» haviam trazido consigo.

E o sol prestes a esconder-se para lá dos cumes de Monte-Mel, beijou pela primeira vez a terra libertadora.

Quando a bandeira acabou de subir, a enorme multidão grita loucamente:

Era a liberdade de um povo; era *Vitória! Vitória! Vitória!*

A opressão que deixava de pesar sobre tantas almas. É que naquela tarde radiosa de Julho cala para sempre o odioso «*Tributo das donzelas*», que tantas lágrimas fizera correr.

Após o desfecho do combate, ninguém mais vira a «*Enfermeira Misteriosa*» *(Nossa Senhora)* que curara os cristãos. Desaparecera. No ânimo do povo começou a germinar a ideia de um milagre.

A multidão rezando conservou-se no local, durante toda a noite. Muralhas, fortaleza e casario foi tudo assaltado, saqueado e arrasado!

No dia seguinte houve Missa campal, em acção de graças, e pela alma dos mortos cristãos que se contavam por muitas dezenas.

A maioria, destes foi sepultado no campo da batalha, os restantes foram levados por parentes e amigos para as Igrejas das respectivas localidades.

Os corpos dos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» que pereceram na peleja foram solenemente transportados para Alfândega, terra esta que pela vitória alcançada por seus filhos contra os inimigos de Cristo se designou dali para o futuro ***«Alfândega da Fé»***, hoje progressiva vila transmontana.

A povoação de Castro ou «Crasto», como iniciadora da conquista do Monte Carrascal e valentia dos seus moradores, ficou a chamar-se dali em diante ***Castro Vicente*** que foi vila antiga e sede de concelho.

O lugarejo que a meia légua do Monte Carrascal ficava para noroeste, tomou depois incremento e designou-se, em memória do combate e dos muitos mortos que ali houve, Chacina, nome que mais tarde se modificou, para ***Chacim*** que foi concelho até 1855 e é hoje terra florescente e rica.

Ao povo que tomou parte no combate de ***Caramouro***, que assim ficou conhecido em virtude do grito de incitamento soltado pelos «*Cavaleiros das Esporas Doiradas*» à chegada ao local - «*Cara ao Mouro! Cara ao Mouro!*» não mais esqueceu a *Enfermeira* de bálsamo na mão que curava os cristãos feridos e os punha logo prontos, para voltar à peleja. E por isso a fé de tal milagre fez erguer no local da fortaleza árabe um templo à Virgem Nossa Senhora em memória do acontecimento, com a invocação de *Nossa Senhora de*

Balsamão. (Bálsamo-na-mão).

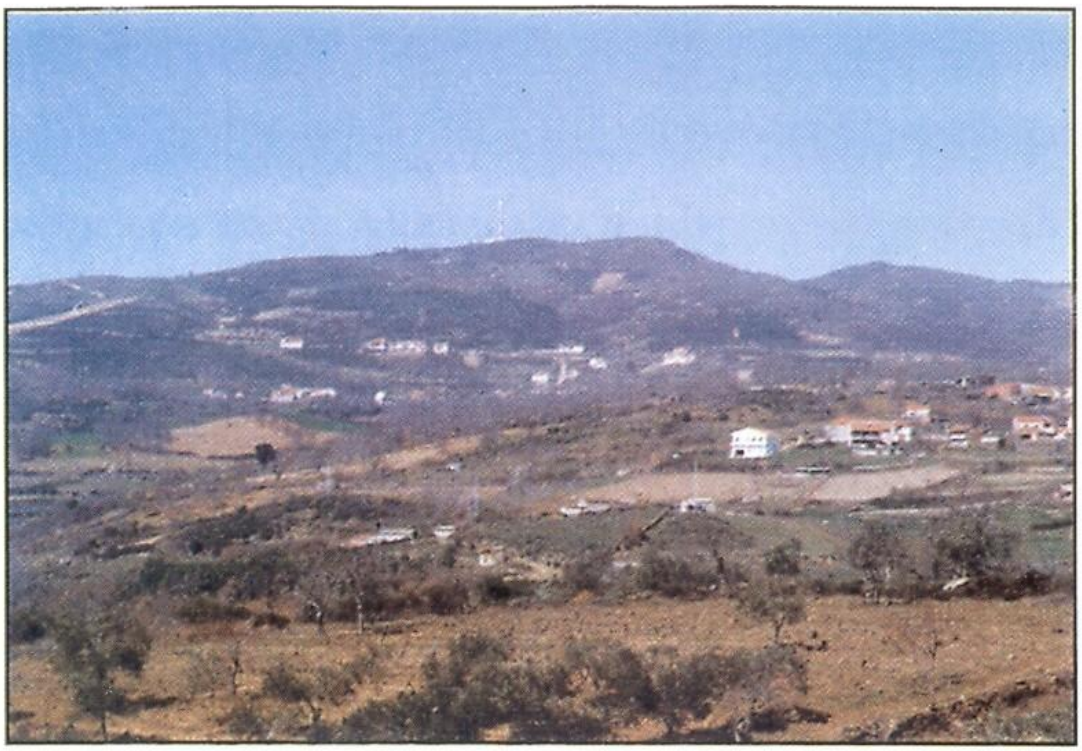
Começou logo a ser muito frequentado pelos povos vizinhos, e em breve se formou a festa anual; 2º Domingo de Agosto de cada ano, em honra de Nossa Senhora de Balsamão.

Em 1750, o polaco Casimiro de S. José Wizinski fez erguer junto ao templo, aproveitando a pedra das muralhas, o Convento da Conceição que ainda hoje existe, mas já um pouco desmantelado.

O Monte Carrascal e casario são actualmente propriedade particular; mas o templo de Nossa Senhora de Balsamão lá está a atestar o milagre do combate do Caramouro que pôs termo ao odioso e nefando *«Tributo de donzelas»*.

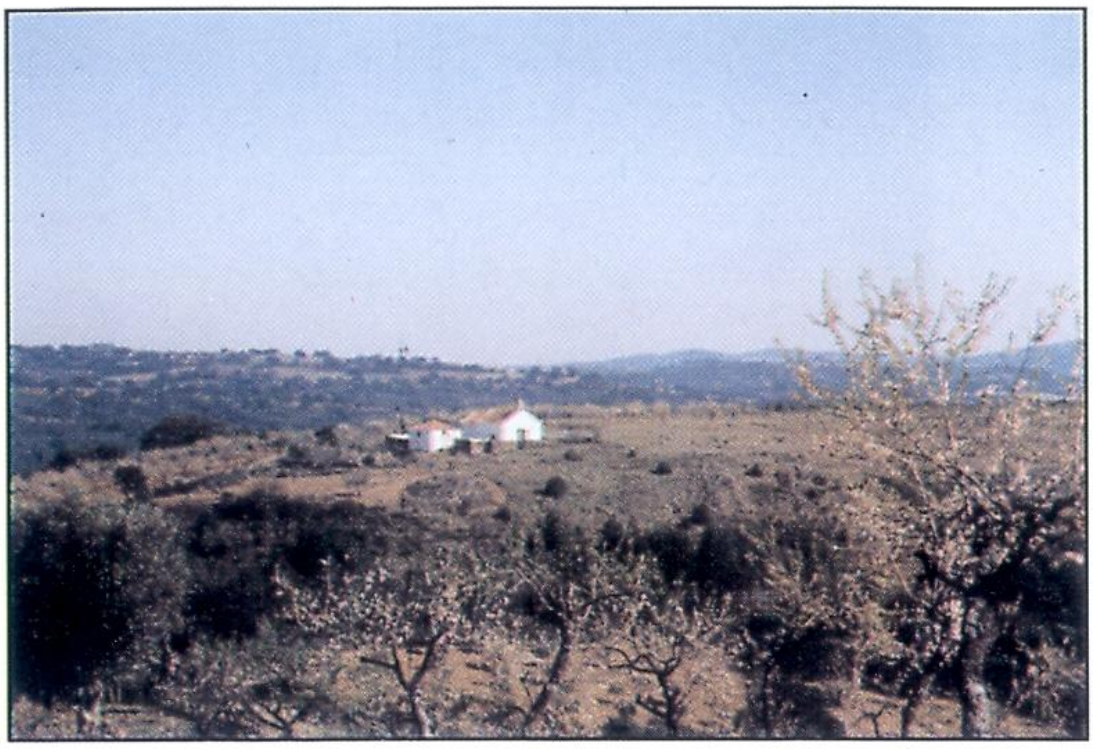
* * *

Documentos Fotográficos



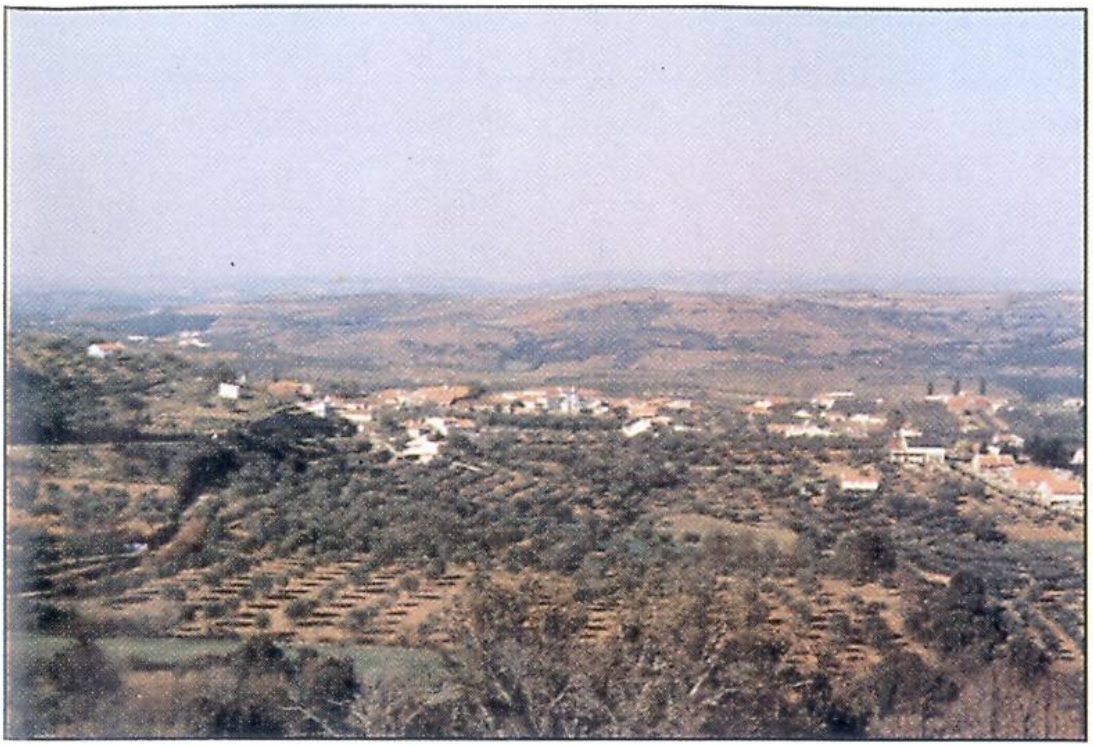
1 - A Serra de Monte-Mel, hoje Serra de Bornes

2 - Panorâmica da vila de Alfândega da Fé



3 - A actual capela do Santo Cristo da Fraga - Castro Vicente

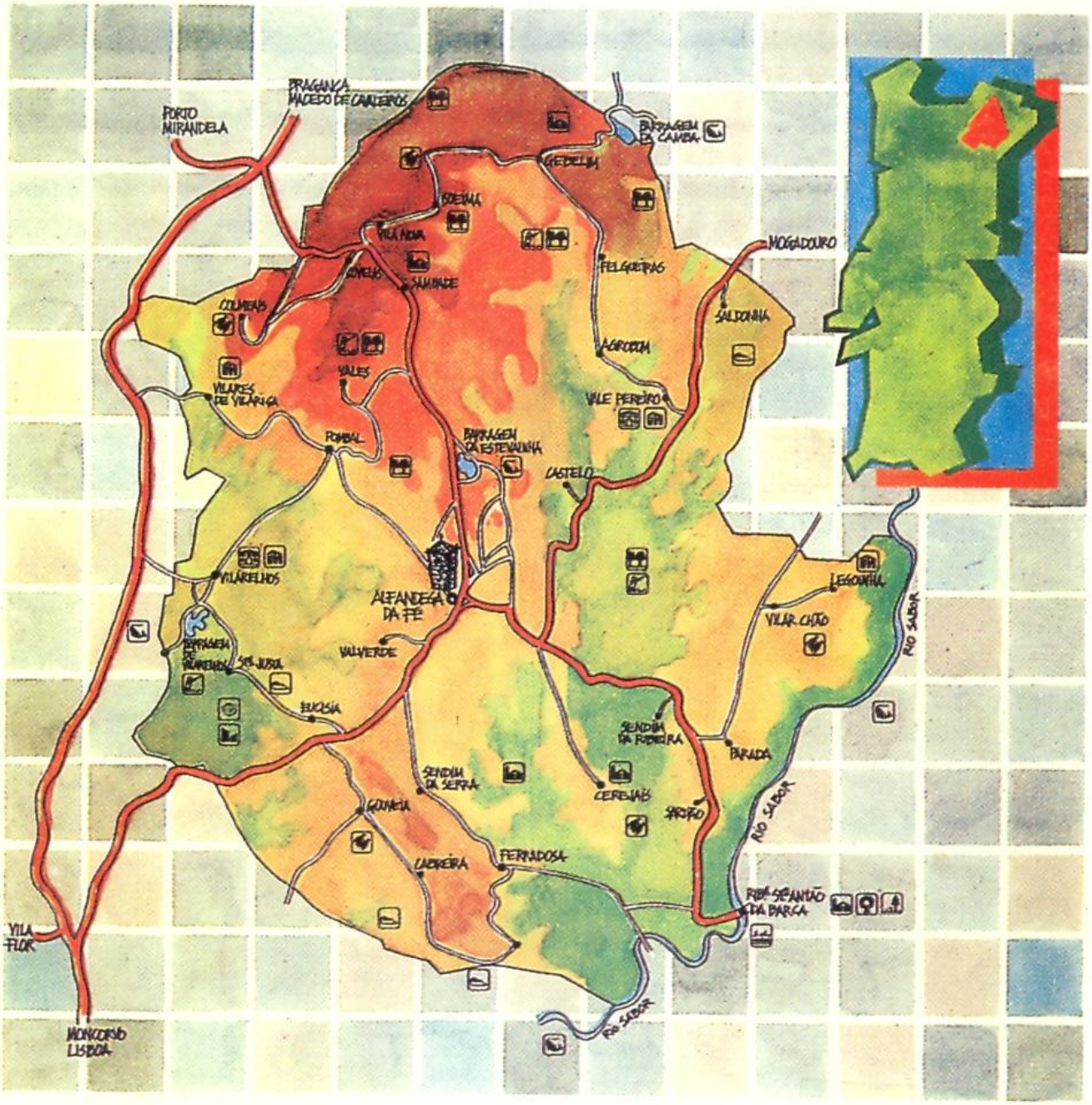
4 - Interior da mesma Capela



5 - Vista geral de Chacim.

6 - O Monte do Carrascal, onde actualmente fica o Santuário de Nossa Senhora de Balsamão

BIBLIOTECA MUNICIPAL ALFANDEGA DA FÉ


BRAGANÇA
MACEDO DE CAVALEIROS
PORTO
MIRANDELA
BARRAGEM DA CAMBA
GRIMALDE
SOBREIRA
VILA NOVA
SOMEIRO
SAMIHADE
MOGADOURO
FELGUEIRAS
SALDONHA
COLMEIAS
AGROCHÃO
VALES
VILARES DE VILARIÇA
VILE PEREIRO
POMBAL
BARRAGEM DA ESTEVANINHA
CASTELO
VILARELHOS
ALFANDEGA DA FÉ
LEGONHA
VILAR CHÃO
RIO SABOR
BARRAGEM DE VILARELHOS
SÉS JUSÃ
VALVERDE
EUCISIA
SENDIM DA RIBEIRA
BARADA
SENDIM DA SERRA
CEREJAIS
SARIÃO
GONIMA
LADREIRA
FERRADOSA
RIBA SEANÇÃO
DA BARCA
VILA FLOR
MONCORVO
LISBOA

Bibli
821.